

IMAGENS MASCULINAS NOS ROMANCES O PRIMO BASÍLIO DE EÇA DE QUEIRÓS E EFFI BRIEST DE THEODOR FONTANE*

TERESA MARTINS DE OLIVEIRA
molive@letras.up.pt

A diluição de diferenças e de hierarquias aparentemente naturais entre os sexos provocada pelos estudos feministas sobre imagens de feminilidade e estereótipos femininos veio necessariamente abalar também os alicerces do masculino na sua aparente intangibilidade, nomeadamente no papel tradicional de paradigma do humano¹ bem como no conceito essencialista de masculinidade². Os (*new*) *men's studies*, que nos anos 80 e 90 se impõem crescentemente como um campo de estudos independente, podem ser entendidos como resposta a tal alteração. Ao lado de um discurso sobre o masculino que defende para o homem a sua posição patriarcal e que não nos irá interessar, distinguem-se, na opinião de Willi Walter, estudos que partem de uma identificação com o ponto de vista do

* Comunicação apresentada no V Congresso da Associação Portuguesa de Literatura Comparada, organizado pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, de 1 a 4 de Junho de 2004, e inserida no Projecto de Investigação n.º 4, «Prosa narrativa de Expressão Alemã do Realismo Poético aos Finais do Século XX», do Centro Interuniversitário de Estudos Germanísticos (CIEG), Unidade de I&D financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito do Programa Operacional Ciência, Tecnologia e Inovação (POCTI) do Quadro Comunitário de Apoio III.

¹ Sobre este assunto, ver, e.o., D. Feldmann e S. Schülting, «Männlichkeit», in A. Nünning (org.), *Metzler Lexikon Literatur- und Kulturtheorie. Ansätze — Personen — Grundbegriffe*, Stuttgart / Weimar, J. B. Metzler, 1998, p. 338.

² Sobre um novo conceito de masculinidade, antissexista e profeminista, ver, especialmente, M. Brod, *The Making of Masculinities: The New Men's Studies*, Boston, 1987, pp. 39-62.

homem³ e outros que se identificam com o enfoque feminino. Os primeiros enfatizam a dimensão repressora da sociedade patriarcal em relação aos homens, os quais pagam os privilégios económicos, políticos e sociais que a sociedade lhes outorga com a sua saúde e estabilidade física e mental e até mesmo com alguns anos de esperança de vida. Os segundos consideram o homem como o primeiro beneficiário da sociedade patriarcal, benefício esse que ocorre à custa das mulheres, e vêem as suas próprias abordagens críticas como um contributo para os projectos feministas de esclarecimento sobre os mecanismos repressores da sociedade patriarcal, para melhor os poderem desmontar.

Seidler exprime uma opinião conciliadora dos dois pontos de vista, defendendo não existir uma verdadeira oposição entre eles⁴, como o nota também Michael Kaufmann no seu conhecido artigo «The Construction of Masculinity and the Triad of Men's Violence»⁵. É esta perspectiva harmonizante a que melhor se articula com a minha perspectiva dos (*new*) *men's studies* enquanto elemento complementar construtivo dos “estudos dos géneros” e que servirá de base ao meu trabalho.

Nele vou comparar as figuras dos maridos em *O Primo Basílio* de Eça de Queirós e *Effi Briest* de Theodor Fontane na sua qualidade de exemplos da construção de masculinidade em textos em que a problemática da mulher é tradicionalmente considerada prioritária. Trata-se em ambos os casos de romances de sociedade, de mulher e de adultério do último quartel do século XIX, que integram uma série literária iniciada pela *Madame Bovary* de Flaubert (1857), e à qual pertencem, e.o., *Anna Karenina* (1875-77) de Tolstoi e *La Regenta* (1884-85) de Clarín.

A comparação que irei fazer inscreve-se num modelo classificado por Peter Zima como “comparação genética”⁶, opondo-se à comparação a que chama “de contacto”, visto que, embora Fontane tenha publicado o seu romance já em 1894-95, como último da série que mencionei, apenas há a certeza quanto ao seu conhecimento do romance de Tolstoi,

³ Cf. W. Walter, «Männer entdecken ihr Geschlecht. Zu Inhalten, Zielen, Fragen und Motiven von Kritischer Männerforschung», in Bausteinemänner (orgs.), *Kritische Männerforschung. Neue Ansätze in der Geschlechtertheorie*, Hamburgo, Argument Verlag, 2001.

⁴ Cf. V. Seidler, *Recreating Sexual Politics: Men, Feminism and Politics*, Londres e Nova York, 1991, pp. 39-48.

⁵ In M. Kaufmann (org.), *Beyond Patriarchy: Essays by Men on Pleasure, Power and Change*, Toronto e Nova York, 1987, pp. 1-29.

⁶ Sobre a “comparação genética” e a “comparação de contacto”, ver P. Zima, *Komparatistik. Einführung in die Vergleichende Literaturwissenschaft*, Tübingen, Francke (UTB), 1992, pp. 94-96 e 130-134.

persistindo a dúvida no que respeita até mesmo a *Madame Bovary*. Quanto ao romance de Eça de Queirós, publicado em Lisboa em 1878, ele foi vertido para alemão pelo escritor naturalista Conrad Alberti, que trabalhou sobre uma versão interlinear de Henriette Michaëlis, e publicado com o título *Eine wie Tausend* pela primeira vez em 1880 em Berlim, sendo a acção transferida para Breslau, num processo de transdiegetização que adapta a história portuguesa ao espaço e à cultura alemãs, mas na verdade não pude encontrar referências que me permitissem pensar que Fontane conhecia o texto queirosiano, nem mesmo nessa versão⁷.

Dado o desconhecimento generalizado da obra fontaniana entre nós, nomeadamente do romance *Effi Briest*, permito-me traçar uma rápida resenha da sua fábula. A jovem Effi, filha dos morgados rurais von Briest casa após um curto noivado que se seguiu ao inesperado pedido da sua mão pelo barão von Innstetten, antigo apaixonado da mãe, que acabara de conhecer. Com o dobro da sua idade, mas possuidor de uma boa figura, de um carácter sério e determinado e de uma carreira profissional brilhante, Innstetten afigura-se como o marido ideal, o que não vai, todavia, impedir que o tédio, o medo e a desilusão se apoderem da jovem esposa na pequena cidade balnear de Kessin, espaço ficcional nas margens do Báltico, para onde segue o marido e onde permanece nos primeiros dois anos do casamento. É lá que, pouco depois do nascimento da primeira filha, é cortejada e cede à sedução do major Crampas, figura donjuanesca, vindo a transferência de Innstetten para um ministério em Berlim pôr fim à relação adúltera. Esta só vem a ser descoberta sete anos mais tarde, quando o marido encontra umas cartas já amarelecidas que Crampas, o amante, escrevera a Effi. Consciente de que iria arruinar irremediavelmente a sua vida de família, mas escravo do dever social, Innstetten desafia Crampas e mata-o em duelo, banindo Effi e proibindo-a de ver a filha. Ostracizada por toda a sociedade, mesmo pelos pais, Effi vive amargurada durante três anos na periferia de Berlim, apenas acompanhada pela fiel criada Roswitha. Acolhida de novo no solar paterno numa altura em que o depauperamento da sua saúde faz perigar a sua sobrevivência, Effi vem a falecer passado algum tempo, não sem antes ter perdoado ao marido, declarando-se de acordo com as normas sociais que a haviam condenado.

⁷ Sobre a primeira versão alemã de *O Primo Basílio*, ver, T. M. Oliveira, «*Eine wie Tausend* — A primeira versão alemã de *O Primo Basílio*», in I. Pires de Lima (org.), *Eça e "Os Maias"*, Porto, Edições Asa, 1991, pp. 183-190.

Esta fábula revela numerosos paralelismos com a história de *O Primo Basílio*, que me dispensarei de enumerar para me concentrar desde logo nas figuras dos dois maridos.

Começarei por notar que a bibliografia crítica que trata cada um dos romances bem como aquela, pouco numerosa, que os compara⁸, tende, salvo raras exceções, de forma mais ou menos explícita a considerar a construção das figuras dos maridos em oposição à das mulheres, de acordo com o modelo dicotómico tradicional que atribui à mulher semas como fragilidade física e emocional, volubilidade caracteriológica, sentimentalidade, etc. e ao homem traços como firmeza de carácter, razoabilidade, intelectualidade. É também desta oposição basilar na codificação da sociedade patriarcal que partirei, começando por mostrar de que forma se constrói em cada um dos romances esta imagem masculina como representante e integrante de uma estruturação patriarcal, na qual ocupam o pólo reservado ao elemento mais forte.

A articulação entre construção de masculinidade e o poder é, sabidamente, um topos dos “gender studies”, dando azo a inúmeros trabalhos críticos e sendo mesmo tema de congressos da especialidade. No que toca aos romances que analiso, a ligação entre as figuras dos protagonistas masculinos e o sistema do poder dos respectivos países é bem evidente, plasmando-se tanto ao nível da integração sociológica das figuras como da construção das suas carreiras profissionais.

Jorge, o marido de Luísa de Brito no romance português, é oriundo do grupo social que o fontismo mais promoveu — a pequena burguesia — e é funcionário do Ministério das Obras Públicas, pasta que Fontes

⁸ Cf. H. Hatzfeld, «Die religiöse Diskussion in *O Primo Basílio* (1877) und *Effi Briest*», in *Aufsätze zur portugiesischen Kulturgeschichte*, 16, 1980, pp. 66-74; CH. Rodiek, «Probleme der vergleichenden Rangbestimmung Literarischer Werke (*Effi Briest*, *La Regenta*, *O Primo Basílio*)», in *Neohelicon. Acta comparationis Literarum Universarum*, XV, 1, 1988, pp. 275-300; H. L. Kretzenbacher, «Das Kulturthema Ehre. Über Ehre, Ironie und kulturelle Interferenz: Ehebruch und Ehrenkonflikt bei Theodor Fontane und Eça de Queirós», in *Jahrbuch Deutsch als Fremdsprache*, 16, 1990, pp. 32-75; T. M. Oliveira, «Dienstmädchengestalten in den Romanen *O Primo Basílio* von Eça de Queirós und *Effi Briest* von Theodor Fontane», in *Runa — Revista Portuguesa de Estudos Germanísticos*, 26, tomo II, pp. 553-561; T. M. Oliveira, «A Mulher e o Adultério nos Romances *O Primo Basílio* de Eça de Queirós e *Effi Briest* de Theodor Fontane», in *Minerva*, Coimbra, CIEG, FLUC, 2000; e T. M. Oliveira, «Fontane's *Effi Briest* and Eça de Queirós's *O Primo Basílio*: Two Novels of Adultery in the Context of European Realism», in P. Howe e H. Chambers (orgs.), *Theodor Fontane and the European Context. Literature, Culture and Society in Prussia and Europe*, Proceedings of the Interdisciplinary Symposium at the Institute of Germanic Studies, University of London in March 1999, Amsterdam — Atlanta, Rodopi, 2001, pp. 207-217.

Pereira de Melo muito especialmente acarinhou. Acresce ainda que o facto de a acção romanesca ser despoletada pela partida de Jorge para o Alentejo em viagem profissional a mando do ministério faz do ministro, que é referido leitmotivicamente ao longo da obra, uma espécie de *deus ex machina* a condicionar a acção. De forma análoga, Geert von Innstetten é alto funcionário prussiano ao serviço de Bismarck, filho do grupo social em que o “Chanceler de Ferro” apoiou o seu pontificado: os Junker, ou morgados rurais; e também ele abandona a jovem esposa para cumprir compromissos oficiais a mando do Chanceler, que assim desempenha no romance alemão o papel de eminência parda que em *O Primo Basílio* cabe a Fontes Pereira de Melo. De referir ainda que, de acordo com o mundo burguês ou dominado pela moral utilitarista da burguesia, que opõe ao ócio da mulher a actividade profissional do homem, os dois romances dão especial atenção ao desempenho profissional como forma de construção de masculinidade, podendo notar-se como a escolha das carreiras profissionais das figuras dos maridos não é inocente nem num nem no outro romance.

No seu estudo sobre a evolução das imagens de masculinidade da Antiguidade até aos nossos dias, Klaus-Michael Bogdal escreve: «Como modelo de masculinidade surge a partir de meados do séc. XIX o tipo do oficial — empresário — engenheiro, que parecia ser aquele que mais se aproximava dos novos ideais de masculinidade: “duro — frio — rápido”⁹. Aproximando-se deste modelo, Jorge é engenheiro, profissão que, de acordo com o que atrás ficou dito, Fontes Pereira de Melo mais promoveu, e o seu carácter pragmático e “proseirão” é enfatizado logo na caracterização inicial em que à voz do narrador se vem juntar a opinião dos amigos de Jorge. Innstetten, por seu turno, é oficial laureado, carreira que abandona por um curso de direito que (juntamente com a sua origem aristocrática) lhe abre as portas do alto funcionalismo prussiano, o “Beamtentum” a quem Bismarck concedeu um prestígio e poder paramilitares. A honra e a vaidade própria dos oficiais e o empenhamento carreirista do funcionário confundem-se na pose própria das duas carreiras que Innstetten encarna.

Notada que foi esta isotopia de elementos constitutivos de masculinidade no que concerne a classificação sociológica e profissional das duas figuras que analiso, passarei a apresentar o modelo classificativo que Bogdal desenvolve para a atribuição de masculinidade e no qual me

⁹ K. M. Bogdal, «Männerbilder. Skizze zu einem Unterrichtsthema und Forschungsgegenstand», in *Der Deutschunterricht*, II, 1995, pp. 7-18.

apoiarei para mostrar paralelismos e diferenças na construção do masculino e na ruptura dos seus modelos nos dois romances. Antes ainda permito-me lembrar, com Seidler, que é a partir do Iluminismo que, sob influência de Kant, se desenvolve o modelo burguês de masculinidade baseado no racionalismo e na moral que toma conta dos diferentes discursos, do filosófico, ao social, e até mesmo ao científico, e que a literatura a um tempo promove e espelha¹⁰. É a partir de meados do século XIX, lembre-se a título de exemplo a figura de Charles Bovary, que se inicia um “abalo” na construção de masculinidade que traduz o crescente hiato entre ideal masculino e sua concretização, de que a literatura canônica se vai fazer eco. Desde então até aos nossos dias, o modelo de homem positivo e brilhante, se abstrairmos de breves momentos de exceção de que citarei como exemplo os heróis do realismo socialista, transpõe-se para a literatura trivial ou de massas, como se pode ver na literatura policial, e para os discursos publicitário e fílmico. Bogdal enumera como funções constitutivas da masculinidade a partir do século XVIII, que irão entrar em crescente falência a partir de Flaubert ou Fontane, aquelas que fazem do homem procriador, protector e provedor¹¹, permitindo-me eu acrescentar o papel de punidor.

A primeira classificação, procriador, é tematizada num e no outro romance como momento de falência. Sete anos após o casamento, Innstetten nota com aflição a falta de um filho varão que lhe perpetuasse o nome — é, aliás, a pretexto de tratar essa infertilidade que Effi se desloca às termas de Bad Ems, facilitando com a sua ausência a descoberta das cartas incriminadoras. Por seu lado, Jorge, dois anos após o casamento, lamenta-se por não terem filhos. Sintomaticamente, nem Effi nem Luísa parecem muito preocupadas, o que vem confirmar este empenhamento procriador como elemento próprio do masculino.

Também o segundo vector classificativo, que apresenta o homem como protector, é desde logo transgredido quer por uma quer por outra figura. Innstetten e Jorge são incapazes de cumprir o seu desígnio mais imediato e de proteger a mulher contra o assédio de outro homem.

Resta-lhes o lugar de provedor, a que ambos vêm reduzido o seu papel, acrescido do de punidor, que ambos desempenham, cada um a seu modo, também. Innstetten é apresentado *ab initio* como o professor, a cujas tendências propedêuticas se associa a dimensão de controlo e

¹⁰ Cf. V. J. Seidler, «Vernunft, Moral und Männlichkeit», in Bausteinemänner, *op. cit.*, pp. 111-138.

¹¹ *Ibidem*, pp. 14-17.

mesmo de punição, tendências essas que se revelam por exemplo nas instruções e informações dadas a Effi durante a lua-de-mel e que irão culminar no paralelismo traçado por Crampas entre o fantasma do chinês que ensombra a casa da recém-casada Effi, *alter-ego* de Innstetten, e um querubim de espada em riste, sugerindo que o marido, frequentemente ausente, delega no fantasma o papel de controlar a mulher. Essa tendência punitiva irá também, e principalmente, conduzir ao duelo com Crampas, a que mais à frente voltarei.

Também em Jorge a tendência punitiva está presente, de forma mais metaforizada, mas não menos real para Luísa. O comentário «É homem para te dar uma punhalada»¹² (*OPB*, p. 23) proferido por “uma amiga romanesca” de Luísa que não conhecia o carácter plácido de Jorge, inicia uma série de referências ao medo que acompanham a protagonista feminina ao longo do período do adultério e se agudizam na época da chantagem de Juliana, medo esse que, somatizado, irá conduzir à sua morte.

Constata-se, assim, que tanto Innstetten como Jorge só muito parcialmente cumprem os destinos que uma distribuição dicotómica dos papéis sexuais baseada na oposição binária homem/mulher reserva ao homem. A esta falência no desempenho da masculinidade e à sua substituição pelo desempenho da violência vêm ainda juntar-se as marcas de fissuras na construção da masculinidade que detectamos também a um nível subtextual. Como se sabe, os *gender studies* seguem na esteira dos estudos feministas, que desde cedo chamaram a atenção para o facto de uma cultura cristalizar em imagens e frequentemente num extracto subepidémico do texto aquilo que pretende esconder ou sublimar. De facto, tanto em *Effi Briest* como em *O Primo Basílio* podemos encontrar um subtexto que nos remete, já não para a oposição binária de que temos vindo a falar, mas para a diferença que mina essa codificação. Essas fissuras no padrão de masculinidade permitem-nos perceber “sexo”, já não como um sistema de oposições, mas como um conjunto de diferentes posições e relações que deixam transparecer uma multiplicidade de diferenças e em que um só padrão de masculinidade é posto em causa e substituído por uma variedade de modelos que tendem a esbater as oposições masculino/feminino. Neste contexto cabem os semas tradicionalmente

¹² Eça de Queirós, *O Primo Basílio. Episódio Doméstico*, fixação do texto e notas de Helena Cidade Moura, de acordo com a 2.ª edição (1878); Lisboa, Edição «Livros do Brasil», s.d. (1969), p. 23.

femininos, como o nervosismo ou a crença em fantasmas por parte de Innstetten, que Britta Herrmann num interessante estudo sobre a histeria analisa¹³. De facto quer o culto de Wagner quer a predilecção de Innstetten por histórias de fantasmas têm duas leituras. Identificação com Wagner nas suas ilusões de superioridade rácica que discrimina os judeus, tradicionalmente conotados com o elemento fraco e feminino ou fantasia romântica no primeiro caso, instrumentalização racional e calculista do fantasma ou crença supersticiosa no segundo, são por certo sinal de uma divisão interior que abala a imagem de severa integridade masculina do marido de Effi. Momento climático dessa cisão é constituído pelas reflexões de Innstetten sobre o duelo, também ele tantas vezes denunciado como exemplo das falsas prerrogativas que a sociedade aristocrática e patriarcal reserva aos homens. Consciente de que não existe nele qualquer sentimento de ódio ou sede de vingança e de que o seu verdadeiro sentir o levaria a perdoar à mulher, Innstetten afirma a Wüllersdorf, seu confidente após a descoberta das cartas que comprometem Effi, que irá desafiar Crampas em duelo para dar cumprimento a uma exigência da sociedade, norma que não considera senão um ídolo, mas que se sente obrigado a respeitar enquanto existe e, depois de longas reflexões, ouve do amigo a resposta tantas vezes citada: «O nosso culto da honra é um serviço prestado a um ídolo, mas temos que nos submeter a ele, enquanto o ídolo existe»¹⁴.

Esta opinião, que é também a de Innstetten, como decorre das suas reflexões após o duelo e numa conversa também com Wüllersdorf três anos mais tarde fazem do duelo uma mascarada sem sentido, *pendant* da comédia que Effi encena para esconder o adultério e da qual o velho médico Rummschüttel infere como sendo próprio da mulher: «Doente para Não ir à escola e representado com virtuosismo. Filha de Eva *comme il faut*»¹⁵. A personagem Rummschüttel faz-se aqui eco daquelas discursos sexuais do início do século XIX que atribuíam ao fingimento da mascarada não apenas uma questionabilidade moral como o conotavam com uma atitude de feminfilidade que a psicanálise irá confirmar¹⁶. Tobias Fabricius,

¹³ B. Herrmann, «Das uneinige Geschlecht: history, her story, Hysterie — Erzählen, Körper, Differenz», in K. Röttger e H. Paul (orgs.), *Differenzen in der Geschlechterdifferenz. Differences within Gender Studies. Aktuelle Perspektiven der Geschlechterforschung*, Berlin, Erich Schmidt Verlag, 1999, pp. 169-187.

¹⁴ Th. Fontane, *Effi Briest, Die Poggenpubls*, vol. 12, Munique, Nymphemburger Verlagsbuchhandlung, 1978, p. 242 (tradução minha).

¹⁵ *Ibidem*, p. 203 (tradução minha).

¹⁶ Cf. T. Fabricius, «Männlichkeit als Maskerade. Zu Byrons Poetik in *Don Juan*», in K. Röttger e H. Paul (orgs.), *op. cit.*, pp. 187-202.

pelo contrário, e num processo análogo ao de Britta Herrmann sobre o estudo da histeria, mostra como o conceito de mascarada, tradicionalmente visto como construtor de feminilidade, se pode estender também à construção do masculino. Especialmente produtiva no meu caso parece-me a opinião de Steven Cohan, que sustenta revelar-se a construção cultural do masculino em determinadas épocas históricas de crise por tentativas exageradas de afirmação, adquirindo então um carácter especialmente teatral¹⁷. Interessante é a consciência que Innstetten revela ter da mascarada que a sociedade patriarcal impõe ao homem nas suas normas coercivas, exigindo dele o cumprimento de um papel apelidado de “masculino” mas que o homem sente como uma violentação, o que vem ao encontro daquilo que os (*new*) *men's studies* começariam a denunciar um século mais tarde. A sociedade impõe a Innstetten sentimentos como a raiva ou o ódio, atributos tradicionais do homem guerreiro quando insultado e que a sociedade prussiana transvertia para os conceitos de “honra” e vaidade, que impunha coercivamente aos seus oficiais e aristocratas, impedindo-lhes a vivência de sentimentos como o amor e o perdão, os quais reservava a constituintes do modelo tradicional de feminilidade. Atente-se no monólogo interior de Innstetten horas depois de ter matado o rival:

«Sim, se eu me tivesse sentido cheio de um ódio de morte, se aqui dentro sentisse um profundo sentimento de vingança... Vingança não é nada de bonito, mas é humano, e tem um direito humano natural. Mas assim foi tudo feito por amor a uma ideia, a um conceito, foi uma história construída, meia comédia. E tenho que continuar essa comédia e tenho que mandar a Effi embora e arruiná-la e a mim com ela...»¹⁸.

No que diz respeito à figura do marido no romance português, também aqui se regista uma sobreposição de modelos de masculinidade. De facto, Jorge não é apenas uma figura de engenheiro prosaico e de burguês instalado; ele projecta-se nos sonhos de Luísa como uma figura de Barba Azul, e vive, de acordo com uma carta sua a Sebastião, um

¹⁷ Cf. S. Cohan, «The Spy in the Gray Flannel Suit: Gender Performance and the Representation of Masculinity in *North by Northwest*», in A. Perschuk e H. Posner (orgs.), *The Maskuline Masquerade. Masculinity and Representation*, Cambridge, MA, 1995, pp. 43-62.

¹⁸ Fontane, *op. cit.*, p. 248 (tradução minha).

esboço de aventura donjuanesca com a estanqueira do Alentejo. São, todavia, os semas evidente e tradicionalmente conotados com a feminilidade que revela no final da obra que me parecem dignos de especial menção. Veja-se como, invertendo as expectativas de Luísa e o que ele próprio anunciara na sequência inicial do romance, Jorge, uma vez confrontado com a certeza da infidelidade da mulher, é dominado por sentimentos como a raiva e o ódio, para logo depois, confrontado com o risco de perder Luísa, sofrer, chorar e por fim perdoar, assumindo uma série de atitudes tradicionalmente femininas. Feminina é também a ocupação a que se dedica por amor da mulher: «Foi, daí por diante, o enfermeiro de Luísa»¹⁹, esquecendo por ela o medo da opinião social tantas vezes repetido ao longo do romance. Desatendendo a claros informantes textuais, Kretzenbacher afirma na comparação que traça entre Innstetten e Jorge que a ausência de princípios na sociedade portuguesa torna inexistente no romance a problemática da honra no adultério, elemento que o oficial prussiano, pelo contrário, sobrevalorizaria²⁰. Creio contudo que não se pode subavaliar o peso da opinião pública para Jorge. Lembre-se que é a sua incapacidade para receber com indiferença os comentários do Conselheiro Acácio e de Dona Felicidade sobre a sua mudança de opinião no tratamento a conceder às adúlteras e os olhares de compaixão ou troça que imagina nas caras de todos com quantos se cruza²¹ que o fazem questionar Luísa convalescente sobre a carta que recebera de Basílio, provocando nela uma recaída que a conduzirá à morte. E se na inevitabilidade deste final se esboça uma secreta condenação de Luísa, de acordo com os modelos condutores e padrões de legitimação da ideologia burguesa, que, segundo Jauß, é própria de grande parte dos romances oitocentistas²², condenada Luísa, salva-se Jorge pela sua capacidade de humanização.

Esta valorização de traços conotados com o feminino na construção valorativa de figuras masculinas pode à primeira vista parecer estranha em textos de homens e numa sociedade de matriz claramente patriarcal. Todavia, voltando às minhas considerações iniciais, se nos lembrarmos de que se trata de dois romances de mulher, em que a situação desta é posta ao serviço de uma generalizada crítica à sociedade, o protagonismo

¹⁹ Eça de Queirós, *op. cit.*, p. 418.

²⁰ Kretzenbacher, *op. cit.*, p. 57.

²¹ T. M. Oliveira, «A Mulher e o Adultério», *op. cit.*, p. 321.

²² H. R. Jauß, *Ästhetische Erfahrung und Literarische Hermeneutik-I*, Munique, Fink (UTB), 1977, p. 242.

do elemento feminino que tal classificação implica pode desde logo considerar-se subversivo e promissor de novas fissuras.

Assim, até mesmo no caso de Eça de Queirós, cujas tendências misóginas parecem dado adquirido, prova-se que a crítica se dirige não tanto ao elemento feminino mas às mulheres em concreto que a sociedade do seu tempo produziu, em *O Primo Basílio* principalmente, como é sabido, a figura da burguesa citadina. Prova evidente da desvalorização não da mulher mas das mulheres é a valorização que detectei dos semas conotados com o feminino em Jorge, semas esses que representam para a figura traços verdadeiramente redentores.

No caso de Innstetten, nota-se em algumas críticas mais modernas uma certa tendência valorizadora da figura, chamando-se a atenção para aquilo que é, afinal, um dos *Leitmotive* dos (*new*) *men's studies*: o carácter impositivo da sociedade para com os homens e a pressão que exerce sobre eles. É, todavia, o comentário final de Effi moribunda que na sua ambiguidade prevalece como instrução de leitura: «[Innstetten] era tão nobre como o pode ser alguém a quem falta o verdadeiro amor»²³. Esta chamada de atenção final para a falta de “verdadeiro amor”, convocando de novo como solução o poder de um sentimento conotado com o feminino remete para as reflexões anteriores do próprio Innstetten e para a causa do seu falhanço. Que o elemento feminino seja apontado também aqui como elemento redentor é tendência que nos parecerá afinal menos estranha em Fontane. Este, subvertendo a tendência generalizada na sociedade patriarcal para subsumir no conceito englobante de homem tanto o homem como a mulher, que no início mencionei, considera sabidamente a mulher como paradigma do humano.

²³ Fontane, *op. cit.*, p. 299.